

DISCURSO DA SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE

Priscila Cardoso da Silva Costa - Pedagoga pela Universidade Estadual de Maringá

– UEM - Professora Municipal de Sarandi

Simone de Brito Blasques - Pedagoga pela Unissa-Uniesp Sarandi –

Professora Municipal de Sarandi

Luzia Marta Bellini - Professora Doutora, da Universidade Estadual de Maringá –

UEM. Pesquisadora e membro do GPSPA.

RESUMO

O presente estudo teve como tema central a formação docente frente a sexualidade, sendo que o objetivo central foi verificar se tal tema é abordado de maneira que propicie ao docente uma base para trabalhar o assunto com os seus alunos, sem que o mesmo se baseie apenas em conhecimento popular, mas sim nas ciências. O assunto se justifica frente a crescente necessidade tanto em âmbito escolar como extraescolar de se abordar a questão de uma maneira que lhe propicie entendimento amplo sobre o assunto sem criar paradigmas. Fundamentamo-nos em pesquisas feitas sobre a história social da sexualidade desde o século XX bem como, quando chegou essa proposta de discussão em sala de aula. As reflexões críticas da sexualidade humana, destacando seu debate na escola, são de extrema importância para a educação. Todavia, são recentes, pelo menos no Brasil, assim como suas ações. Nessa perspectiva este trabalho discutiu os estudos sobre sexualidade e apresentou proposições para a formação de educadores sexuais. Consideramos que um dos maiores desafios que atribuem aos pais e educadores é o de promover uma educação sexual que rompa com a ignorância acerca do assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente; Educação Sexual; História da sexualidade.

Introdução

Para compreendermos a sexualidade bem como o discurso acerca da sexualidade, faz-se necessário voltarmos nossa atenção para o “surgimento” do termo. Ussell (1980) nos diz que o conceito de sexualidade é pouco definido, e que o termo passou a ser usado somente no século XIX nas sociedades industriais.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



É provável que o conceito *sexualidade* tenha aparecido no século XIX, quando se reuniram num todo os componentes sexuais de numerosos comportamentos, porque o caráter sexual é só um aspecto fragmentário do comportamento (USSEL, 1918, p. 23).

O autor ainda afirma que a terminologia sexualidade, mesmo estando tão presente em nosso cotidiano, não paramos para refletir ou discutir sobre o assunto. O pensamento que temos acerca do sexual, é o conceito social, impregnado pela sociedade, sendo que os conteúdos e os afetos variam, diferenciando de tempos em tempos, bem como de cultura em cultura. O pensamento da sexualidade é transitório, não permanece se modifica com o passar do tempo e da sociedade a que se insere, sendo que são inúmeros os fatores que estão ligados a sexualidade como:

[...] o amor, o erotismo, a sensualidade, o prazer, o vestuário, a nudez, o pudor, a tradição e a moralidade; o casamento, a família, a união livre, o casamento de ensaio, a concubinação e as outras formas de relações sexuais extraconjugais; os beijos e as carícias, a pornografia e a censura; o papel dos sexos e a emancipação da mulher; a homossexualidade, a contracepção; a criança abandonada, o filho natural e o infanticídio; a puberdade o ensino e a informação mistos (USSEL, 1980, p. 27).

Para um pensador do porte de Michel Foucault a sexualidade é:

[...] o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p.100).

Desta forma podemos dizer que a sexualidade está ligada diretamente a nossa vida cotidiana, os nossos atos, a nossa postura, a criação de princípios e valores transmitidos por nossos pais, influenciam diretamente em nossa compreensão acerca da sexualidade. A sexualidade não se refere somente ao ato sexual, mais também a atitudes, comportamentos sociais. Podemos assim dizer que o ser humano é um ser sexualizado pela sociedade em que se insere. O termo sexualidade é uma dimensão humana que ultrapassa a sexualidade biológica, pois também é determinada pela cultura de determinados grupos sociais (FIGUEIRÓ, 2006).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



No campo da ciência, a sexualidade ainda é um estudo recente, poucos são os pesquisadores na área, pouco se fala sobre a sexualidade, uma vez que a mesma é tratada socialmente de uma forma repressiva devido ao seu passado histórico.

Durante muito tempo a sexualidade era um assunto pelo qual pouco se comentava pela sociedade, pouco se sabia a respeito. O prazer sexual era algo de “direito” digamos assim somente dos homens. As mulheres eram tidas como objetos sexuais, as mesmas tinham que atender as necessidades masculinas sem sentirem prazer, sem saciar as suas necessidades sexuais, estava apenas para “servir”.

Em outras palavras Ussel (1980), nos diz que o correto a se dizer é que os atos sexuais estavam ligados a questões de poder de cada indivíduo em particular, ou seja, o poder aquisitivo de um homem dava-lhe o direito de usufruir de uma mulher da maneira que este bem entendia.

Um cavaleiro da Idade Média seria ridicularizado se não tivesse violado uma jovem que lhe agradasse, ao encontrá-la só, fosse onde fosse. Muito depois da Idade Média, os senhores achavam normal exercer o direito de possuir as filhas dos camponeses. Isto, porém, só era permitido às pessoas de classe social elevada. Também era limitada a liberdade do cavaleiro que julgava poder fazer o que quisesse com uma jovem indefesa: um senhor mais poderoso tinha o direito de impedi-lo ou “castigá-lo”. A aquisição de qualquer coisa pela força lhe era, igualmente limitada (USSEL, 1980, p.90).

A sexualidade emergiu no campo da ciência no século XX com Sigmund Freud e Havelock Ellis. John H. Gagnon em seu livro “Uma interpretação do desejo: Ensaio sobre a sexualidade” relata que, os primeiros pesquisadores da sexualidade, puseram-na no centro do desenvolvimento humano. As pesquisas desenvolvidas pelos estudiosos da área têm desempenhado um importante papel no que diz respeito às práticas sexuais e o esclarecimento no dito certo ou errado da sexualidade dentro da sociedade. Gagnon (2006, p.66) afirma que, “Poucas são as áreas de pesquisa em que os investigadores exercem um papel tão importante no debate sobre o sentido e a significação do comportamento estudado por eles”.

Gagnon assim como Foucault, Kensy, Ussel, Guacira, Figueiró dentre outros importantes estudiosos, nos auxiliaram na reflexão do pensamento sexual da sociedade antiga até os dias atuais. Esses pensadores contribuem de forma intensiva para o pensamento de nossas práticas sociais e pedagógicas.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



A trajetória da sexualidade dentro do espaço escolar

A partir da década de 1920 surgiram discussões acerca da temática da sexualidade nos Estados Unidos. O interesse pelo tema chegou ao conhecimento social e aos meios de divulgação da época, em revistas e jornais, e no cinema. Nesses veículos a imagem da sexualidade das universidades foram associadas às questões da imoralidade. “O cinema mudo testou os limites da moral da comunidade com o nudismo” (GAGNON, 2006, p.79), nas revistas tanto as mais elitizadas quanto as mais populares eram expostas imagens de mulheres nuas e seminuas. Nesse período também surgiu interesse pela educação sexual.

Foi durante os anos de 20 que a pesquisa sobre a conduta sexual começou para valer nos Estados Unidos. Em parte, sob a influência de Freud e de variações da doutrina psicanalítica, mas em relação mais direta com a tradição de aprimoramento social do movimento reformista dos Estados Unidos, foram concluídos três estudos sobre a conduta sexual de pessoas que tinham uma vida sexual relativamente convencional (GAGNON, 2006, p.80).

Neste mesmo período a sociedade promulgava as “falsas” informações sobre a sexualidade. Uma simples masturbação masculina era considerada pecado, fraqueza pessoal; o homossexualismo era condenado pela sociedade, os homossexuais eram considerados criminosos e pervertidos, o contato da boca com órgãos genitais era crime e trazia consigo a imagem de contaminação.

Na década de 1970, no Brasil, incluiu-se a temática sexualidade no currículo escolar de ensino fundamental e médio, que se intensificou a partir dos Movimentos Feministas, e ganhou força em meados da década de 1980. Segundo Brasil (1997) devido ao aumento da demanda de trabalhos na área da sexualidade nas escolas em decorrência ao aumento de gravidez indesejada entre as adolescentes, assim como o risco de infecção de doenças sexualmente transmissíveis.

Nas décadas seguintes após esses debates, a discussão sobre a sexualidade no ambiente escolar se intensificou com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) em 1996, com destaque ao em seu volume 10, reservado à Orientação Sexual contida nos Temas Transversais (BRASIL, 1997).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. [...] Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura (BRASIL, 1997, pp. 292 e 293).

Podemos assim verificar que com a elaboração dos PCN's - ressaltando a sexualidade como tema transversal - a escola deve ter uma visão parcial das experiências dos alunos de uma forma geral, a mesma deve buscar o desenvolvimento prazeroso do conhecimento, e para isso é fundamental que as escolas percebam que tem um papel fundamental na educação para uma sexualidade ligada a vida, englobando questões do desenvolvimento humano.

Todavia, mesmo depois da elaboração dos PCN's, ainda percebe-se um problema em sala de aula, refletindo na falta de profissionais especializados na área da educação sexual.

Tomamos como base o curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. Após compreendermos a importância do estudo da sexualidade no espaço educativo, deparamo-nos com o mesmo problema por diversas vezes. Este problema reflete-se em sala de aula onde há uma ausência na formação de profissionais para trabalhar e tratar o tema de forma crítica encarando-o como natural e não moralista.

Percebemos, assim, a necessidade de espaços direcionados para a discussão sobre a sexualidade e para a formação de professores comprometidos com a educação sexual.

Quando observamos o quadro das disciplinas direcionadas aos estudantes de pedagogia do 1º ao 4º ano de graduação da grade curricular do ano de 2009 vemos que existem lacunas para a formação em educação sexual, sendo que apenas duas disciplinas se destacam no campo do debate sexual, uma de psicologia no 1º ano e uma de diversidade cultural no 4º ano.

Voltemos nossa atenção para as duas disciplinas em destaque: **Psicologia da Educação: Aspectos Neuropsicológicos e Afetivos e Políticas Públicas e**

Realização:



Apoio:



Gestão Educacional: Docência e Diversidade Cultural. Percebemos que no total de oitenta disciplinas, somente duas abordaram de forma breve o tema sexualidade, uma no primeiro ano de graduação e outra no quarto ano da graduação.

Podemos assim dizer que, no curso de Pedagogia da Universidade em questão, existem as disciplinas que lidam com as fases do desenvolvimento da criança, que incluem a sexualidade, há também a disciplina bem como disciplinas que lidam com a diversidade cultural incluindo-se, portanto a diversidade sexual, a disciplina trata de forma breve o parâmetro curricular nacional, na qual é discutida a importância de se trabalhar a sexualidade no espaço educativo, porém constatamos que é uma abordagem ainda incipiente.

Desta forma, consideramos necessária uma formação adequada, contínua e direcionada às questões de sexualidade, que resultem de forma significativa na ampliação dos saberes dos educadores preparando-os para que possam lidar com as dimensões da sexualidade que envolve os alunos.

Conforme destacamos o currículo do curso de Pedagogia, podemos constatar que as disciplinas que abordam o assunto sexualidade são muito fragmentadas, uma vez que não possibilitam um estudo pleno sobre a sexualidade no espaço escolar.

Figueiró (2006), umas das grandes estudiosas sobre a formação de educadores sexuais, afirma-nos a necessidade de uma formação para a Educação Sexual, uma vez que muitas das instituições de ensino superior não capacitam os profissionais da área. A autora ressalta também que é necessário compreender o que os professores já sabem sobre sexualidade antes de introduzir as discussões sobre a temática.

Um importante avanço para o estudo da sexualidade nas escolas veio dos PCN's, em seu volume 10 sobre "Orientação Sexual", nos é afirmado a necessidade da formação de educadores sexuais nas escolas com capacitação para trabalharem o tema:

O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não as questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário então que o educador tenha acesso a formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. O professor

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho na educação sexual (BRASIL, 2000, p.123).

Essa posição dos PCN's podemos ler em Braga (2012, p.211):

As manifestações sexuais que aparecem na escola demonstram, a cada momento, as dificuldades que as instituições educativas apresentam quando tratam da temática da sexualidade em seu cotidiano. Uma proposta de orientação sexual adequada, consistente e emancipadora poderia contribuir para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento na área da sexualidade

Nessa direção, podemos assim afirmar a necessidade de uma formação não só dos professores de sala de aula como também de todo o corpo docente de uma instituição, para a garantia de uma transmissão informativa e ao mesmo tempo formativa.

Para Figueiró (2006), o tema sexualidade ao ser trabalhado na escola deve envolver questões pessoais e coletivas, uma vez que é dessa forma que o indivíduo passa a se reconhecer, bem como criar sua identidade sexual. A autora descreve que:

Se pensarmos que a finalidade maior da educação sexual é contribuir para que o educando possa viver bem sua sexualidade, de forma saudável e feliz, e, ao mesmo tempo, contribuir para que ele esteja apto a participar da transformação social, em todas as questões ligadas direta ou indiretamente a sexualidade, podemos concluir que o professor que ensina sobre sexualidade, de forma humanizadora, está sendo um mediador de esperanças e de projetos de vida (FIGUEIRÓ, 2006, p.17).

Nessa perspectiva, a educação sexual na escola não se limita a prevenção de uma gravidez precoce e indesejada ou de doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS. Ela vai muito além, a educação sexual contribui com o desenvolvimento da personalidade, bem como garante uma melhor qualidade de vida para o aluno, uma vida saudável.

Os profissionais da educação devem estar preparados para lidarem com diversas situações e trazer para a aula assuntos pertinentes do cotidiano da escola.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Nos dias atuais temos a mídia que faz o papel de “educadora”, são muitas as informações que as crianças recebem por diversos meios de comunicação, assim como os pais devem auxiliar a compreensão de tantas informações o professor também deve mediar, responder os questionamentos das crianças e jovens, não com a intenção de construir tabus mais sim de transmitir informações claras visando à formação do indivíduo.

Para que essas conversas sejam até mesmo pensáveis em relação à educação, é preciso que as educadoras e os educadores se tornem curiosos sobre suas próprias conceptualizações sobre o sexo, e ao fazê-lo, se tornem abertos também para as explorações e as curiosidades de outros relativamente à liberdade do "domínio imaginário" (BRITZMAN,2000, p.80).

Como falar sobre sexualidade se o profissional que está em sala de aula não tem o conhecimento necessário? Não é possível transmitir de forma eficaz aquilo que o educador não tem o conhecimento, a prática fica vazia, o conhecimento com lacunas. Por isso, faz se necessário suprir essa dimensão do conhecimento. Devem-se criar possibilidades para que o professor possa conhecer um pouco mais sobre a sexualidade bem como a sua própria sexualidade para que a sim possa trabalhar a mesma sem preconceito e tabus.

Na Universidade Estadual de Maringá existem dois grupos de estudos sobre a sexualidade que auxiliam professores de diversas áreas do conhecimento, como a Biologia, Educação Física, Psicologia, Pedagogia, Direito, dentre outros cursos. Nota-se que ainda temos um número reduzido de profissionais da área da educação preocupados com o déficit da formação nos cursos de graduação.

Temos notado também, que de forma ainda que lenta, tem ocorrido investimentos na formação de professores, cursos sobre a sexualidade no espaço escolar tem sido oferecido para os profissionais da educação.

Muitos ainda se perguntam, para que trabalhar a sexualidade dentro do espaço escolar? Esse não seria um papel da família? Figueiró (2006) apresenta uma brilhante explicação:

[...] o significado do ensino da sexualidade está em formarmos jovens e adultos com conhecimento seguro de si mesmo e das questões da sexualidade, para que possam viver de maneira feliz, segura e responsável a sua sexualidade. Além disso, queremos cidadãos críticos e amadurecidos, participantes da transformação dos valores

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



e das normas sociais ligadas às questões sexuais, incluindo-se, nesse conjunto, a transformação das relações de gênero, a fim de assegurar a igualdade e o respeito mútuo.

É possível concluir, então, que um dos fatores que podem contribuir para a viabilidade dos temas transversais seja o fortalecimento, entre os professores, do significado e do sentido de cada um dos temas pertinentes à sexualidade e passíveis de serem trabalhados em sala de aula (FIGUEIRÓ, 2006, p.67).

Nessa perspectiva de Figueiró abrimos horizontes para a educação sexual emancipadora da dimensão sexual.

Algumas considerações finais

Ao finalizarmos esse breve estudo podemos verificar que apesar de se existir base legal para se trabalhar a educação sexual dentro das escolas e universidades pouco se tem visto efetivamente, tanto no âmbito escolar quanto no meio acadêmico.

É possível observar que no curso de Pedagogia, as disciplinas que abordam o tema sexualidade não suprem as necessidades para a formação acadêmica. Consequentemente sendo evidente notarmos a dificuldade dos professores nos seus trabalhos cotidianos em sala de aula, sendo que o ideal seria termos na graduação uma disciplina destinada especificamente para a formação sexual desses profissionais.

Constatamos que a sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades e desafios para o professor no seu trabalho diário, devido à manifestação da sexualidade dos alunos no espaço escolar (FIGUEIRÓ, 2006). Dessa forma, consideramos que esse desafio diário, tem “cobrado” uma nova postura do professor educador.

A necessidade de uma formação em educação sexual vem sendo significativa. Cursos, palestras na área da educação sexual, grupos de estudos sobre sexualidade e diversidade sexual tem sido oferecido a (ao) professoras (es), educadoras (es), acadêmicas (os), bem como demais interessados na área da sexualidade, reforçando assim a necessidade de se investir na formação sexual das (os) professoras (es).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Desta forma, destacamos a importância de se ter uma formação em educação sexual dentro do espaço escolar, para melhor compreendermos o processo histórico da sexualidade. Somente assim poderemos ampliar os estudos nas instituições de Ensino Superior, e conseqüentemente, proporcionar espaços para que possamos discutir sobre a temática sexualidade dentro e fora do espaço escolar.

Referências

BRAGA, E. R. M. **Gênero, Sexualidade e Educação:** questões pertinentes à Pedagogia. In: ____ Educação e diversidade cultural / Elma Júlia Gonçalves de Carvalho, Rosângela Célia Faustino (organizadoras). 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** Brasília, DF, 1997.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, Sexualidade e Currículo. In: ____ O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Guacira Lopes Louro. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual:** Retomando uma proposta um desafio. 2. ed. Londrina-PR: UEL, 2001.

FIGUEIRÓ. **Formação de Educadores Sexuais:** Adiar não é mais possível. Londrina-PR: Eduel, 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2:** o uso dos prazeres. 1. ed. Rio de JANEIRO: Graal, 1984. 28

GAGNON, John H. **Uma Interpretação do desejo:** Ensaio sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

USSEL, Jos Van. **Repressão Sexual.** Tradução [de] Sonia Alberti; revisão técnica [de] Jane Russo; prefácio [de] Jurandir Freire Costa. Rio de Janeiro: Campus Ltda., 1980.

ABSTRACT

The main theme of the present study was teacher education in relation to sexuality. The main objective of this study was to verify if this subject is approached in a way that gives the teacher a basis to work the subject with his students, without Based only on popular knowledge, but on the sciences. The issue is justified by the growing

Realização:

Apoio:





need both at school and non-school level to address the issue in a way that gives it broad understanding on the subject without creating paradigms. We base our research on the social history of sexuality since the 20th century, as well as when this proposal for discussion in the classroom arrived. The critical reflections of human sexuality, highlighting its debate in the school, are of extreme importance for education. However, they are recent, at least in Brazil, as well as their actions. In this perspective this work discussed the studies on sexuality and presented propositions for the formation of sexual educators. We believe that one of the greatest challenges they attribute to parents and educators is to promote a sex education that breaks with ignorance about the subject.

KEYWORDS: Teacher training; Sexual Education; History of sexuality.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

